

Editorial

Álvaro Campelo

A heterogeneidade dos trabalhos apresentados neste número da revista *Antropológicas* revela o campo de possibilidades da investigação antropológica. Aqui temos investigação em terrenos já trilhados por outros investigadores, na qualidade de etnógrafos mais ou menos iniciados nas metodologias de trabalho de campo. A revisitação destes terrenos, e sua bibliografia associada, com a preocupação de novas contextualizações analíticas enriquece a aproximação ao objeto estudado e provoca novos olhares e abordagens para o futuro. Talvez dos contributos mais interessantes da investigação antropológica, a revisão crítica e o contínuo trabalho sobre um mesmo 'objeto' de estudo, seja o de se questionar constantemente, dentro da exigência e da liberdade de aproximação a novas epistemologias.

O trabalho de Carmo Daun e Lorena, *Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado*, assume um contributo para a discussão sobre esta festividade de S. João de Sobrado através da revisão bibliográfica. Tratando-se de uma festividade junina, ela não pode ser dissociada das famosas representações do teatro popular, conceito que por si só merecia um alongado tratamento, associadas às tradicionais performances entre Mouros e Cristãos. Eram elas frequentemente vividas por ocasião das festividades patronais ou do Corpo de Deus, mas aqui, em Sobrado, concelho de Valongo, Porto, celebradas por ocasião do S. João. Estas performances eram, no passado, realizadas em várias localidades, nacionais e internacionais. Na atualidade, apesar de fazerem parte, ainda, de muitas comunidades, destacam-se, em Portugal, as representações de Sobrado, com a Bugiada e Mouriscada, as do vale do rio Neiva, em Palme, Barcelos, ou em Portela de Susã, Viana do Castelo, sendo a mais conhecida e tratada a performance do Auto de Floripes, realizada a cada ano, em 5 de agosto, no Largos das Neves, pertencente às freguesias de Barroselas, Mujães e Vila de Punhe, por ocasião das festas em honra da Senhora das Neves. Entre as representações internacionais, não pode ficar esquecida a que se realiza em S. Tomé e Príncipe, na ilha do Príncipe.

O trabalho da autora versa especificamente a identificação de paradigmas etnológicos através da bibliografia produzida durante décadas. Num primeiro momento contextualiza-nos nos temas e personagens presentes na performance, desenvolvida durante toda uma longa jornada, onde a variedade de grupos e de situações revela a sua complexidade. Ao visitante, a sucessão de acontecimentos e de representações exige uma informação prévia para entender os papéis de cada grupo. Ao descrever a sequência das ações e intervenientes, a autora introduz na festa dois Bugios e Mourisqueiros, com todas as peripécias, não deixando de mapear espacial e temporalmente os acontecimentos, sendo que a grande performance, toda a jornada, se constrói com distintas performances, aparentemente desconexas, levando a supor origens diversas.

Ao longo do texto, a referida análise crítica da bibliografia existente sobre a performance faz-se dentro de uma viagem entre tempos e entre pesquisadores, nacionais e internacionais. O cuidado dado por cada um dos citados autores a um ou outro apontamento da festa, dos rituais, dos sentidos expressos ou supostos, vai ser utilizado nesta investigação para desvelar os paradigmas metodológicos e teóricos subjacentes ao trabalho desses autores. Entre os títulos "Olhares de fora..." e "Olhares de dentro..." procura a autora fazer uma distinção não apenas de origem geográfica (estrangeiros *versus* portugueses), mas de complexidade e profundidade etnográfica. O objetivo da autora cumpre-se ao declarar que, apesar de os estudos se terem intensificado a partir da década de 1990, em razão de uma maior atenção ao património imaterial, eles permanecem ainda demasiado descritivos, acrescentados pela preocupação de uma exegese simbólica e identificação da origem histórica e cultural. A descrição preocupava-se com a performance em si mesma, sem trabalhar a dimensão sociológica, como se a festa tivesse sentido unicamente no visualizado e vivido performativamente no dia de festa. É aqui que surge a proposta do trabalho: novas abordagens metodológicas, novos olhares, novos contributos disciplinares, onde muito do que ficou de fora nos trabalhos anteriores possa revelar-se. É esse o desafio para as novas pesquisas e a razão para, corajosamente, dizer no resumo que "muito pouco se estudou" sobre a festa de Sobrado!

O tema do trabalho de Juan Pablo Hudson, *Veinte años de recuperaciones de empresas por los trabajadores en la Argentina*, oferece à investigação antropológica um outro campo de estudos importante, se a prática antropológica quer ser relevante para as sociedades contemporâneas. Dentro da tendência das ciências sociais latino-americanas na abordagem crítica às políticas neoliberais aplicadas neste continente, o autor faz um contraponto entre a adesão a estas políticas por parte do Estado nacional, com evidentes consequências na crise económica vivida após

os anos 1990, e a emergência de movimentos sociais, nascidos para superar as dificuldades dos trabalhadores perante a falência de empresas. O trabalho descreve as diferentes etapas de um tempo difícil, em termos económicos e sociais, desde o trabalho de grupos mais radicais, com atos revolucionários em busca da igualdade económica, ao promover assembleias de trabalhadores que levaram as atividades dentro das empresas para âmbitos mais abrangentes e de mobilização social, particularmente através de ações culturais informadas, onde se salientam os direitos humanos e a consciencialização de práticas de cooperação. Numa segunda etapa, em consequência dos movimentos sociais nascidos entre os trabalhadores, emergem novas políticas económicas, promovidas por governos 'progressistas', chegados, entretanto, ao poder. Ao assumirem os poderes estatais esta política, houve uma certa desmobilização das comunidades e assembleias de trabalhadores, destituídas de uma maior relevância social, pelas medidas governativas, supostamente filiadas nos interesses desses trabalhadores. Ao confiarem nestes governos e ao perderem essa relevância reivindicativa, assistimos, paradoxalmente, a uma crise na manutenção dos movimentos sociais de trabalhadores. O fracasso destas políticas progressistas, com a entrega de subsídios, mostra-se um fraco substituto das medidas reivindicadas pelos movimentos sociais anteriores, pois acentuam-se os problemas de desemprego e crise económica, sem que os próprios trabalhadores tenham capacidade e autoridade na gestão das consequências surgidas com o desemprego a nível dos direitos laborais. A última etapa aqui tratada, desde 2015 a 2019, marcada pela governação de Mauricio Macri na Argentina, onde se impõem medidas restritivas a nível económico, de ajuste financeiro, mantendo políticas de subsídios aos desempregados, para garantir a paz social.

A abordagem do autor parte do contexto descrito, mas acrescenta uma investigação antropológica de terreno, de grande folgo, mantida durante quase duas décadas em cooperativas da cidade de Rosário e em assembleias de trabalhadores. O objetivo é problematizar as narrativas existentes sobre as empresas recuperadas pelos trabalhadores, deixando transparecer a complexidade do processo histórico e político, entre governos liberais e progressistas, questionando os processos de autogovernação dos trabalhadores durante diferentes contextos sociais e económicos. Através de entrevistas a trabalhadores, responsáveis pela indústria e ativistas sociais, somos confrontados com as expectativas, desejos e dificuldades dos intervenientes. Sobressaem os conflitos intergeracionais na integração dos jovens nas cooperativas das empresas recuperadas, por sentirem uma menorização a nível de direitos e responsabilidades. A fragilidade dos mais jovens justifica-se, segundo o autor, numa experiência de precariedade laboral, acrescida de um processo de socialização familiar e escolar definido pela crise de valores do capitalismo tardio e digitalizado. Estava em causa uma ideia de exigência de empenho individual e do próprio significado de trabalhador fabril.

O trabalho de pesquisa permitiu averiguar o impacto do papel das cooperativas e das assembleias de trabalhadores nos modos de trabalho e organização empresarial. Também desconstruiu a ideia de total diferença de processos e políticas nestes movimentos, em contextos governativos progressistas ou liberais. Sendo evidentes as distintas políticas económicas e ideológicas destes governos, ao longo do tempo, as assembleias de trabalho conseguiram adaptar-se e responder às dificuldades. Mas, num momento ou outro, com a centralização das políticas progressistas no Estado, diminuiu a influência ou relevância da sua prática nas lutas sociais, enquanto entidades autogovernativas.

E porque é um trabalho de grande abrangência temporal, em diferentes contextos políticos, mas sempre marcado pelas dificuldades económicas das empresas, este estudo oferece uma perspetiva comparativa que desconstrói ideias prevaletentes em narrativas suportadas mais por princípios ideológicos, do que pelas lutas reivindicativas dos movimentos sociais. A resiliência e capacidade de respostas a crises económicas dos movimentos dos trabalhadores da Argentina, proposta nas conclusões desta investigação antropológica, com as suas conquistas e os seus limites, dá conta da capacidade e pertinência da abordagem antropológica neste campo de estudo.

Acontece muitas vezes sermos presenteados por trabalhos que, não sendo realizados por especialistas em etnografia e antropologia, invocam a metodologia etnográfica e um olhar comparativo. É este o caso do trabalho de Fernando Xavier sob o título *Migração, alimentação e ritos natalícios: notas sobre a importância da «hallaca» para os venezuelanos*.

A investigação antropológica sobre a comida, a cozinha e os rituais de comensalidade é riquíssima. Uma vez trata a variedade gastronómica entre as diferentes culturas, fazendo dessa diversidade um elemento de definição identitária; outras sobressaem na análise os rituais, os mitos e tabus, tanto da comida a consumir, como dos processos culinários; outros, ainda, fazem da comida e da culinária uma expressão diferenciadora do processo cultural, entre a distinção da expressão do 'natural' e do 'cultural'. A abordagem da culinária apaixonou os historiadores e os sociólogos na hierarquização das sociedades e na complexidade das relações sociais. O acesso aos ingredientes culinários, a sua abundância, a variedade ou escassez, preocupou os economistas e estudiosos da variabilidade demográfica ou da epidemiologia. Verifica-se, portanto, o interesse e pertinência do estudo da gastronomia e culinária.

É dentro da primeira preocupação, a da identidade nacional pela gastronomia, que o autor desenvolve o seu estudo. E fá-lo com duas chaves de leitura muito interessantes: o contexto de migração e o do ritual natalício. Quem estuda as migrações conhece o impacto da gastronomia na aculturação e nas relações sociais entre as diferentes comunidades em contacto. Os migrantes encontram na gastronomia regional e nacional um fator de identidade, necessário para a estabilidade emocional e segurança, enquanto elemento de integração cultural dos seus familiares e de partilha com o exterior. A marca identitária atribuída à culinária está por detrás de um dos fenómenos mais conhecidos da globalização, visível nas narrativas das diferentes experiências gastronómicas possíveis nas cidades com maior relevância cosmopolita. Um outro elemento relevante no estudo é o de salientar um dos momentos do ciclo festivo anual mais relevante para a expressão da gastronomia, como é o Natal. Na quadra natalina não se põem limites significativos – a não ser em casos excepcionais – aos gastos e no empenho culinário. Tratando-se também de uma celebração onde a dimensão familiar é notória, dá-se o caso de nela se conciliar o investimento na qualidade e diversidade dos produtos, com a manutenção de rituais e pratos culinários. Esta manutenção faz-se pela transmissão de saberes entre gerações, pela permanência de pratos testados entre familiares, formando uma cultura sensorial, para além das próprias técnicas culinárias. É isto que faz a tradição e que reforça a identidade familiar, regional e nacional.

O estudo de caso é o prato culinário «hallaca», relevante e identitário no contexto nas festividades de Natal na Venezuela. Conhecendo nós a forte emigração venezuelana para os países vizinhos, decorrente dos recentes acontecimentos políticos na Venezuela, não estranha a presença de novos restaurantes nas cidades brasileiras com culinária oriunda destes migrantes. Mas mais do que descrever a variedade e a diferença entre iguarias das duas gastronomias, a venezuelana e brasileira, o autor faz uma comparação entre a «hallaca» e o peru, salientando os processos de confeção dos dois pratos, a origem dos ingredientes, a participação e implicação dos membros da família e o impacto dos dois pratos na autoidentificação de cada uma das comunidades.

A conclusão do autor está na maior importância da «hallaca» na quadra natalícia da comunidade venezuelana, do que o peru na brasileira. Na descrição da confeção da «hallaca» sobressai o longo processo da sua preparação anterior ao trabalho de a cozinhar. Neste trabalho está presente cada um dos membros da família, o que lhe confere a missão de coesão familiar. Podendo ser consumida durante vários dias, a «hallaca» mantém o sentido da partilha natalícia para além do ritual da noite de Natal. Também este prato exige um labor artesanal que lhe confere particularidades e afinidades à vida familiar, colocando o excepcional da festa dentro do quotidiano. São estas as razões para que a comunidade migrante venezuelana continue apegada à sua «hallaca» pelas festas natalinas, mantendo-se alheia à influência das práticas gastronómicas brasileiras, com uma longa história de opções nestas festividades. Importaria em futuras investigações ver como é que o tempo e a influência da cultura brasileira irão substituir ou incluir o Natal das famílias venezuelanas a nível gastronómico. Ou como o diálogo cultural entre as novas gerações dos migrantes e a sociedade de acolhimento irá espelhar a partilha deste património.

Degustemos este número da revista *Antropológicas* numa variedade de temas, como se diferentes pratos gastronómicos fossem, com origens que vão desde Portugal à Argentina, à Venezuela e ao Brasil.